



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

revistaagoraufrrj@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Sadala, Glória; Martinho, Maria Helena

A ESTRUTURA EM PSICANÁLISE: UMA ENUNCIÇÃO DESDE FREUD

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XIV, núm. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 243-258

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376534584006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A ESTRUTURA EM PSICANÁLISE: UMA ENUNCIÇÃO DESDE FREUD

Glória Sadala e Maria Helena Martinho

Glória Sadala

Doutora, mestre e especialista pela UFRJ, psicanalista, coordenadora e professora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade e do Curso de Especialização em Psicanálise da UVA. Professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

Maria Helena Martinho

Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do IP/Uerj, psicanalista, coordenadora do SPA/UVA, professora dos Cursos de Mestrado e de Especialização em Psicanálise e do Curso de Graduação em Psicologia da UVA. Professora e supervisora Clínica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Psicanalista membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano/Brasil. Psicanalista membro do colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano/RJ.

RESUMO: Pretende-se abordar a importância da noção de estrutura no campo psicanalítico, considerando sua pertinência nas formulações freudianas e seus destinos no percurso teórico de Lacan. O termo estrutura encontra-se implícito na obra de Freud no que tange à importância do diagnóstico diferencial. Lacan se propôs a reler Freud a partir do estruturalismo a fim de reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem. Ressaltaremos duas divergências que marcam o afastamento incondicional de Lacan do movimento estruturalista: a concepção do sujeito e o registro do real.

Palavras-chave: Psicanálise, estrutura, linguagem.

ABSTRACT: The structure in psychoanalysis: an enunciation since Freud. This article intends to approach the importance of the notion of structure in the psychoanalytic field, considering its relevance in Freudian formulations and its destinations in the theoretical trajectory of Lacan. The term structure is implicit in the work of Freud in terms of the importance of differential diagnosis. Lacan's proposal was to re-read Freud from structuralism to reconduct the psychoanalytic experience to speech and language. We emphasize two disagreements that mark the unconditional withdrawal of Lacan's structuralist movement: the conception of the subject and the register of the real.

Keywords: Psychoanalysis, structure, language.

A ENUNCIÇÃO DA ESTRUTURA EM FREUD

Pretende-se abordar aqui a importância da noção de estrutura no campo psicanalítico, considerando sua pertinência nas formulações freudianas e seus destinos no percurso teórico de Lacan. Freud não utilizou com frequência o termo *estrutura* e nem mencionou a expressão *estruturas clínicas*; contudo, estes estão implícitos em sua obra desde os seus primórdios, no que tange à importância do diagnóstico diferencial para a condução da análise. Citamos aqui alguns exemplos, extraídos da obra de Freud, nos quais o termo *estrutura* é utilizado. Em seu texto “A psicoterapia da histeria”, Freud declara:

“A histeria traumática monossintomática é por assim dizer um organismo elementar, um ser unicelular, por comparação com a complexa estrutura de uma neurose histérica relativamente grave [...] O material psíquico de uma histeria assim se apresenta como uma estrutura em várias dimensões, que é estratificada em pelo menos três formas diferentes.” (FREUD, 1893-1895/2004, p.293)

Em outro texto, “A propósito de um caso de neurose obsessiva”, conhecido como “Homem dos Ratos”, Freud diz:

“Ainda não consegui até agora, penetrar e elucidar por completo a complicadíssima estrutura de um caso grave de neurose obsessiva. Por outro lado, não me sentiria em condições de tornar clara para o leitor, pela exposição de uma psicanálise, através dos extratos superpostos que o tratamento percorre essa estrutura reconhecida ou pressentida pela análise. São as resistências dos doentes e os modos como eles se exprimem que tornam essa tarefa tão penosa.” (FREUD, 1909/2004, p.124, grifo nosso)

Em “Sobre o início do tratamento” (1913/2004), Freud recomenda aos analistas que pratiquem o tratamento de ensaio por uma ou duas semanas antes do começo da análise propriamente dita, explicitando que uma das razões desta prévia seria justo a de estabelecer o diagnóstico diferencial. Naquela época, Freud se referia especificamente à diferença diagnóstica entre neurose e psicose. É bem verdade que, no início de suas elaborações teóricas, ele se deparou com inúmeros impasses no que tange ao diagnóstico diferencial. Um exemplo disso se reflete no texto “As neuropsicoses de defesa” (1894/2004), no qual Freud subdivide as neuropsicoses em: (neurose — fobia, obsessões e histeria) e psiconeuroses narcísicas (psicose — paranoia e esquizofrenia). Quatro anos já haviam se passado e Freud ainda estava às voltas com a possibilidade de encontrar marcos que delimitassem as estruturas clínicas e seus tipos clínicos.

No texto “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898/2004), Freud separa as psiconeuroses (histeria e neurose obsessiva) das neuroses atuais (neuroses de angústia e neurastenia). Ao longo de sua obra, verifica-se o esforço em alcançar uma precisão diagnóstica. Os próprios termos pinçados por Lacan da obra freudiana — *Verdrängung*, *Verwerfung*, *Verleugnung* — são muitas vezes utilizados por Freud como verbos (*verdrängen*, *verwerfen*, *verleugnen*), e não como marcos divisórios. Entretanto, com o passar do tempo, esses termos vão adquirindo certas preponderâncias de uso, ou, melhor dizendo, se articulam mais claramente à modalidade de defesa do sujeito. Se essa tese freudiana for traduzida nos termos lacanianos, pode-se dizer que o determinante de uma estrutura clínica se situa do lado das defesas do sujeito. Com Lacan, lê-se o *diagnóstico diferencial* enunciado por Freud como *estrutural*, demonstrando assim que sua abordagem estrutural é retirada da obra de Freud.

Na Conferência XXXI (“A decomposição da personalidade psíquica”), Freud apresenta a metáfora do cristal, referindo-se à noção de estrutura:

“Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo.” (FREUD, 1933 [1932]/2004, p.54, grifo nosso)

De fato, Freud não utiliza com frequência o termo *estrutura* em sua obra; contudo, o discurso freudiano apresenta conceitos que podem ser inseridos na categoria de estrutura. Birman, em seu texto “Entre o inconsciente e a pulsão”, explicita tal hipótese: “... nos seus enunciados o discurso freudiano não é um discurso estruturalista, mas as suas enunciações podem permitir a interpretação de sua racionalidade pela leitura estrutural” (1991, p.28). Até mesmo Lacan só passou a utilizar este termo quando oficializa o seu ensino em 1953, influenciado pela tríade estruturalista — Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss. Entretanto, antes do seu ensino oficial, em uma publicação de 1938, intitulada *Complexos familiares*, Lacan já havia mostrado que falar de complexo é falar de estrutura: “a família não é dominada por comportamentos biológicos, mas estruturada por complexos simbólicos” (1938/2002, p.19). Faz o significante *complexo* operar, tal como Freud o fizera no *complexo de Édipo*, como um antecedente do conceito de estrutura. Existe, de fato, certa equivalência entre a definição de complexo e de estrutura. Sendo assim, as três formas de negação da castração explicitadas por Freud — *Verdrängung*, *Verwerfung*, *Verleugnung* — passam a ter um valor estrutural.

O termo *complexo* (do latim *complexu*) é definido no dicionário da língua portuguesa como “circunstâncias ou atos que têm entre si qualquer ligação ou relação” (Wikipedia). A partir dessa definição pode-se verificar que tanto em um complexo quanto em uma estrutura os elementos do conjunto têm uma relação entre si. Embora o conceito de estrutura em Lacan se distancie radicalmente daquele dos estruturalistas, a seguinte proposição é mantida: ao se alterar um elemento do conjunto provoca-se a alteração de todos os outros.

O termo *estrutura* foi consagrado por Durkheim em “*Les règles de la méthode sociologique*” (1895); empregado por Saussure no *Curso de linguística geral* ministrado entre 1907 e 1911; e difundido por Jakobson no I Congresso Internacional de Linguística realizado em Haia, em 1928. De acordo com as formulações de diversos estruturalistas, pode-se afirmar que uma estrutura implica uma conjunção de elementos, a posição de cada um no interior do conjunto e suas relações mútuas. As leis válidas para o conjunto o são também para cada um de seus elementos isoladamente (COELHO, 1976, p.XXI). Pouillon (1976 [1968]) conceitua estrutura a partir do que é revelado pela análise interna de uma totalidade, considerando seus elementos e suas relações.

Mas afinal, o que o termo estrutural estaria acrescentando aos ensinamentos de Freud sobre o diagnóstico diferencial? Por que Lacan constrói a noção de estrutura em psicanálise? Para melhor delimitar essas questões propomos retomar as considerações lacanianas acerca da função da fala e da linguagem.

“O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM”

O fato de Lacan ter se apropriado de alguns termos e conceitos linguísticos no início dos anos 1950 pode ser explicado pelo momento crucial que a psicanálise estava vivendo, ou seja, naquela época os analistas pós-freudianos estavam desviando a psicanálise dos fundamentos de Freud. Alguns de seus discípulos acabaram por contribuir largamente para que a psicanálise se confundisse com uma psicologia evolutiva.

Tanto a psicologia do ego (Anna Freud, Bruno Bettelheim e René Spitz, entre outros) quanto os teóricos da relação de objeto (Karl Abraham, Melanie Klein e Donald W. Winnicott e outros) propuseram a existência de um estágio final de desenvolvimento psicossocial, o estágio genital, em que o sujeito chegaria a uma relação madura com o objeto e cuja disseminação levaria Lacan a denunciar o “genital love”. Lacan observa que esse tipo de “tratamento de contenção imaginária baseado no moralismo delirante dos ideais da pretensa relação de objeto” ilustra o “desconhecimento da importância do desejo” (LACAN, 1959/1998, p.723). Verifica ainda que naquela época “nem se fazia cerimônia em declarar que, sob

o nome de psicanálise, estava-se empenhado numa ‘reeducação emocional do paciente’” (LACAN, 1958/1998, p.391).

Os próprios psicanalistas acabaram por “tirar a máscara”, denunciando o que tinham de “antifreudiano” (idem, p.592), pois abriram mão da linguagem e a substituíram pelas experiências das emoções, uma verdadeira heresia à doutrina de Freud. Lacan desabafa: “é preciso que haja ao menos três faces em uma pirâmide, ainda que seja de heresia” (LACAN, 1958/1998, p.613); e localiza em cada vértice da pirâmide três analistas — Anna Freud, Abraham e Ferenczi — na medida que as suas “flagrantes incertezas da leitura dos grandes conceitos freudianos são correlatas às fraquezas que oneram o labor prático” (LACAN, 1958/1998, p.618). É nesse contexto que Lacan se empenha em formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo, reconduzindo a experiência psicanalítica à função da fala e ao campo da linguagem como seus fundamentos.

Lacan chama a atenção da comunidade psicanalítica da época para o fato de que ao se interessar pela elaboração do sonho, Freud explicita a sua estrutura de linguagem. Ele se pergunta:

“Como teria Freud reparado nela, uma vez que essa estrutura, por Ferdinand Saussure, só depois foi articulada? Se ela recobre os seus próprios termos, só faz ser mais espantoso que Freud a tenha antecipado. Mas, onde foi que ele a descobriu? Num fluxo significativo cujo mistério consiste em que o sujeito não sabe sequer fingir que é seu organizador.” (LACAN, 1958/1998, p.629)

Lacan batiza de “trilogia do significante” três textos de Freud justamente porque eles demonstram que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” — “A interpretação dos sonhos” (1900), “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905). No texto de 1901, Freud propõe utilizar um diagrama na análise do esquecimento de um nome próprio, Signorelli, demonstrando brilhantemente a lógica do inconsciente.

Pode-se verificar que Lacan se propôs a reler Freud, a partir de uma nova ciência — o estruturalismo — a fim de que a experiência psicanalítica fosse reconduzida à fala e à linguagem. Lacan não pode ficar indiferente à linguística, porque esta lhe serviu “de guia” (1953/1998, p.286). Entretanto, embora tenha se apropriado de alguns conceitos fundamentais do domínio estruturalista linguístico — significante e significado, cadeia significante, signo, metáfora e metonímia — Lacan trabalhou durante décadas na reconstrução desses conceitos.

Para que melhor possamos delimitar os dois campos de saber — estruturalismo linguístico e psicanálise — e identificar no que consiste exatamente a

subversão lacaniana de alguns desses conceitos, vejamos de forma sumária qual foi a grande descoberta de Saussure.

Para Saussure, a linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da língua humana, “quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão” (SAUSSURE, 1916/2006, p.13). O objeto de estudo da linguística é a linguagem, sendo que a língua é uma parte da linguagem. Contudo, para o estruturalista ambas merecem ser diferenciadas. A língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos” (SAUSSURE, 1916/2006, p.17). Enquanto a linguagem é, ao mesmo tempo, “física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (idem, *ibidem*). Sob o ponto de vista de Saussure, a língua “delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto a linguagem não o é” (idem, p.23).

Enumeramos com base no estudo de Prado Coelho (1976), algumas dualidades da linguagem propostas por Saussure: emissor-receptor; som-sentido; indivíduo-sociedade; língua-fala; paradigma-sistema; sincronia-diacronia. Colocaremos aqui em destaque apenas a dualidade entre a língua e a fala, com o propósito de que se possa identificar um dos fatores determinantes da ruptura que Lacan promove entre o estruturalismo saussuriano e a psicanálise.

Saussure distingue a língua da fala, alegando que a língua é um objeto que se pode estudar separadamente; e com isso, ele também separa “o que é social do individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (idem, p.22). Ao distinguir a língua da fala, declara:

“A língua é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila. A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.” (SAUSSURE, 1916/2006, p.22)

Para Saussure a língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente. Enquanto a fala é, ao contrário: “Um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: as combinações pela quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 1916/2006, p.23).

Senão vejamos, para Saussure a língua é o sistema de regras que determina o emprego de sons, das formas e meios de expressão. A língua é o lado social que vive no plano do contrato coletivo e preexiste a todo ato de comunicação, enquanto a fala é a utilização prática, concreta e individual dessa língua. A linguagem é a soma da língua e da fala.

Vimos que para o estruturalista há uma distinção fundamental entre a fala e a linguagem. A fala é a presentificação da palavra na linguagem. Enquanto Saussure abole de seu campo de estudo o sujeito da fala, privilegiando a língua, a psicanálise dispõe apenas da fala do paciente. Para Lacan “toda fala pede uma resposta” (LACAN, 1953/1998, p.237), ela implica o sujeito dirigir-se ao Outro, implica o reconhecimento do Outro e a articulação em palavras da demanda e do desejo em relação ao Outro.

“Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise. Mas, se o psicanalista ignorar que é isso que se dá na função da fala, só fará experimentar mais fortemente seu apelo, e, se é o vazio que nela se faz ouvir inicialmente, é em si mesmo que ele o experimentará, e é para-além da fala que irá buscar uma realidade que preencha esse vazio.” (LACAN, 1953/1998, p.249)

Quando Lacan se refere à linguagem, trata-se da articulação dos significantes entre si com suas leis: a metáfora e a metonímia. É isso que ele quer dizer com o seu aforisma: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Essa diferença entre linguagem e fala é essencial para manter a distinção entre as leis que regem a fala e as que regem a linguagem. As leis da fala implicam a mensagem do sujeito e seu reconhecimento pelo Outro.

“A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histórica, identificar-se com o objeto de *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo do avarento.” (LACAN, 1953/1998, p.302)

Em *Função e campo da fala e da linguagem* (1953), Lacan, ao contrário de Saussure, enfatiza a importância da fala para a psicanálise:

“É justamente a assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela fala endereçada ao Outro, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise em 1895, seus meios são os da fala [...]; seu campo é o do discurso concreto; suas operações são as da história.” (LACAN, 1953/1998, p.258)

Lacan ressalta aquilo que encontramos nos textos de Freud: em *Interpretação dos sonhos* (1900), o sonho tem a estrutura de uma frase. Em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), “está claro que todo ato falho é um discurso bem sucedido, e que no lapso, é a mordaca que gira em torno da fala para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra” (LACAN, 1953/1998, p.269).

Lacan deu à estrutura da palavra uma formalização não estruturalista. Por um lado, toma emprestado de Saussure e de Jakobson sua estrutura de linguagem. Por outro, toma emprestado de Hegel, via Kojève, a estrutura da palavra, quer dizer: ~~que~~ não há simetria entre o locutor e o auditor, senão que o auditor está em uma posição de senhor porque decide o sentido do que o locutor pode dizer.

“O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade.” (LACAN, 1957/1998, p.508)

Esse é um ponto decisivo porque, contrariamente a Saussure, Lacan não estrutura a palavra com uma relação simétrica entre um e outro. E é a partir daqui, da estrutura da palavra, que o Outro se impõe. Lacan chama de “palavra-verdadeira”, uma palavra pela qual o sujeito não se designa a si mesmo mais que por alusão, quer dizer, situando o Outro que o escuta para encontrar em seu retorno seu próprio estatuto, como por exemplo, “tu és meu mestre”, que é a única maneira verdadeira de dizer “eu sou teu discípulo”.

“A ação da fala, na medida em que o sujeito entende fundar-se nela, é tal que o emissor, para comunicar sua mensagem, tem que recebê-la do receptor, e ainda por cima só consegue emití-la sob a forma invertida [...] Ela aparece vivamente no ‘és minha mulher’ ou no ‘és meu senhor’ com que o sujeito dá mostras de não poder empenhar na primeira pessoa seu preito de fidelidade e servidão no casamento

ou na disciplina, sem investir o outro como tal da fala em que ele se funda, pelo menos durante o tempo necessário a este para repudiar sua promessa.” (LACAN, 1953/1998, p.162)

No começo do ensino de Lacan se delineiam duas estruturas: a estrutura da linguagem e a estrutura da fala. O esforço de Lacan é fazer dessas duas estruturas uma única. Com o grafo do desejo em andares, Lacan reduz a uma só essas duas estruturas: o conjunto dos significantes (a estrutura da linguagem) deve ser situado no lugar do Outro (na estrutura da fala); que a dissimetria não só implica que este Outro decide o sentido do que digo, mas porque é o destinatário da mensagem, deve ser também o lugar do código que permite decifrá-lo.

“É esse patamar superposto da estrutura que levará nosso grafo à sua forma completa, por aí se introduz, antes de mais nada, como o desenho de um ponto de interrogação plantado no círculo do A maiúsculo do Outro, simbolizando com uma homografia desconcertante a pergunta que ele expressa [...] *Che Vuoi?*” (LACAN, 1960/1998, p.830)

Isso implica também que o grafo concerne ao sujeito. O sujeito está situado na estrutura da palavra. O que produz esse sujeito que não encontra sua identidade a não ser pela via da palavra dirigida ao Outro? No começo, não é nada. Posto que não se funda na palavra senão pela via do Outro, não é mais do que um significante do Outro — nesse sentido, é um processo de identificação. Ao final, leva um significante do Outro: esposa, marido, discípulo. Quer o que se crê ser, crê ter uma propriedade ou um atributo que, desde o ponto de vista da hipótese estruturalista, é um significante. A escritura mais simples que se pode dar a esse sujeito no começo desse circuito de palavras é \$: esse é um termo estrutural fundamental. Isso obriga a algo que excede a perspectiva estruturalista, a qual requer que o conjunto dos significantes os inclua a todos, que seja completo, que represente a todos e de certo modo possa nomear tudo.

A ESTRUTURA, O SUJEITO E O REAL

Duas divergências marcam o afastamento incondicional de Lacan do movimento estruturalista. Tomaremos aqui a primeira ruptura radical que faz com que os caminhos do estruturalismo e os da teoria psicanalítica lacaniana tomem rumos diferentes: a concepção do sujeito. Essa concepção é, sem sombra de dúvida, o ponto central de um afastamento incondicional, pois aos olhos dos estruturalistas, a estrutura é estritamente incompatível com o sujeito. Para Lacan, no entanto, a psicanálise não poderia prescindir dele.

Para Saussure, a linguística só tem acesso ao estatuto de ciência na condição de delimitar muito bem o seu objeto específico — a língua — e a consequência disso é a eliminação da fala e do sujeito. Verifica-se, assim, que o sujeito é expulso na perspectiva científica saussuriana, vítima de uma redução formalista na qual não tem mais seu lugar. Para Lacan, o sujeito é afetado pela estrutura que obedece a uma lógica: os significantes que o determinam e o gozo do sexo que o divide, fazendo-o advir como desejo. Sujeito e estrutura são categorias coextensivas, pois como ele mesmo diz: “se mantenho o termo sujeito em relação ao que essa estrutura constrói, é para que não persista nenhuma ambiguidade quanto ao que se trata de abolir” (LACAN, 1966/2003, p.231). Para a psicanálise, não se trata em absoluto de abolir o sujeito da fala. Desde Freud, o método psicanalítico — a associação livre — privilegia justamente o lugar do sujeito da fala, colocando-o para falar, para dizer o que lhe vem à cabeça, pois é por meio da fala que o sujeito do inconsciente emerge. A análise revela a verdade do sujeito precisamente no intervalo entre significante e significado, nos furos de sentido que determinam o seu discurso.

“O corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso.” (LACAN, 1960/1998, p.815)

Tentaremos indicar aqui como Lacan deduziu a incidência do sujeito na estrutura. O seu pensamento a esse respeito se encontra muito claramente expresso em “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960): “uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?” (p.814). Não podemos conceber-lhe um sujeito mais do que respondendo a essa inscrição na falta. Na cadeia significante, pode-se reconhecê-lo, por exemplo, no intervalo entre os significantes e identificá-lo à descontinuidade da cadeia significante.

“Nossa definição de significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo. Ora, estando a bateria dos significantes, tal como é, por isso mesmo completa, esse significante só pode ser um traço que se traça por seu círculo, sem poder ser incluído nele. Simbolizável pela inerência de um (-1) no conjunto dos significantes” (LACAN, 1960/1998, p.833)

Assim, esse sujeito não tem nada em comum com a consciência ou com o que seria ali completado, a tal ponto que Lacan constrói o desejo como esse sujeito mesmo que transporta a cadeia significante. Esse sujeito não é causa, é efeito dessa cadeia, efeito da emergência do significante, e por isso Lacan, em seu grafo, lhe dá o mesmo lugar que ao significado.

Então o que diferencia, decididamente, a estrutura lacaniana daquela proposta pelos estruturalistas é que, para Lacan, ela não é uma construção. A estrutura da linguagem preexiste a cada sujeito, a cada nascimento daqueles que vão falar, e, enquanto tal, é causa, quer dizer, produz efeitos.

O que marca a inscrição do sujeito na estrutura culmina, para Lacan, no matemático $S(A)$. É o significante do Outro barrado, ponto culminante com que tenta responder à dificuldade de forjar um significante que responda a esse sujeito incontável. Com efeito, se todo significante remete a outro significante, e isso nos dá uma estrutura de cadeia que não é circular, mas linear, é necessário situar um significante último, à falta do qual os outros não representam nada. Estamos aqui diante de um paradoxo. A maneira como Lacan escreve esse paradoxo é $S(A)$, isto é, significante da falta no Outro, que constitui então uma reelaboração da hipótese estruturalista, porque tenta com isso escrever, ao mesmo tempo, a linguagem e a fala, ou seja, não somente a organização sincrônica dos significantes, mas também sua sucessão diacrônica em uma estrutura de remissão.

Um primeiro ponto de divergência radical entre o estruturalismo e a psicanálise é, portanto, a exclusão do sujeito; um segundo ponto, não menos radical, refere-se ao lugar que Lacan dá ao “registro do real”. Ao real cabe aquilo que resiste à simbolização. Nem tudo pode ser simbolizável, explicável, articulável, dizível, “o real é o impossível”, “não cessa de não se escrever” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 198). O real como impossível não faz parte do conceito linguístico de estrutura. Para os estruturalistas o conceito de estrutura está ligado à ideia de totalidade. Para a psicanálise, o real tem como estatuto o impossível e se inscreve na estrutura sob a forma de furo no imaginário e falta no simbólico. A letra minúscula *a* é o recurso utilizado por Lacan para escrever esse resto que ficou sem ser simbolizado, e que, justamente por isso, se torna o sustentáculo de toda ação desejante. Desejar está sempre articulado a esse resto não simbolizável.

Vimos que, por um lado, Lacan participa do movimento estruturalista, pois sua noção de estrutura é daí extraída; mas, ao mesmo tempo, dele se dissocia, porque a estrutura dos estruturalistas é coerente, completa, ao passo que a lacaniana é antinômica e descompletada, incluindo em seu campo uma impossibilidade: nem tudo será explicável.

Pode-se, portanto, assinalar a distinção entre um estruturalismo baseado na completção e o ensino de Lacan, que se assenta na incompletção, segundo as expressões utilizadas por Dosse (1992/2007, p.175). É possível também, não obstante,

observar que no enfoque estruturalista o sujeito está reduzido à insignificância, ele é abortado, enquanto que, e, no enfoque lacaniano, ao contrário, o sujeito é valorizado.

Nos últimos momentos do ensino de Lacan, a própria categoria de estrutura será reinterrogada no meio analítico, a ponto de se indagar se as estruturas clínicas ainda ocupam um lugar de destaque na psicanálise lacaniana. Por essa razão, tomamos aqui o ensino de Lacan dos anos 1970, mais especificamente O Seminário, livro 23: o *sinthoma* (1975-1976/2007), na intenção de interrogar: a teoria lacaniana sobre o *sinthoma* descarta o diagnóstico diferencial estrutural, imprimindo uma modificação na direção do tratamento analítico?

Antes, porém, de tratar dessa questão, convém lembrar que o ensino de Lacan pode ser lido segundo três períodos, que se diferenciam da seguinte maneira: o primeiro, chamado o *campo da linguagem*, corresponde ao seu ensino nos anos 1950 e identifica-se à primazia dada à linguagem e à fala. O segundo corresponde aos anos 1960, e aí se encontra a invenção do objeto *a*. O terceiro, chamado o *campo do gozo*, batizado por Lacan de *campo lacaniano*, corresponde aos anos 1970 (MILLER, 1996, p.102). A dimensão do real estava presente em seu ensino desde 1953, mas seu avanço teórico se deu somente a partir de 1971, com a escrita do nó borromeano. Nos anos 1950-1960, Lacan afirmava a primazia do simbólico; já nos anos 1970, ele afirma a equivalência entre as três dimensões: real, simbólico e imaginário, fazendo do nó borromeano alguma coisa que é preciso manipular, na tentativa de “tocar o real”.

É importante chamar a atenção para o fato de que, assim como a segunda tópica freudiana não exclui a primeira, o campo do gozo não exclui o campo da linguagem. Contudo, efetua-se no ensino de Lacan um deslocamento teórico-clínico que precisa ser verificado, na medida em que toca diretamente na problemática da estrutura.

No final de seu ensino, Lacan acentua uma diferença entre os termos *sintoma* e *sinthoma*. O primeiro, definido como metáfora, concebido como efeito de estrutura que vem suprir a metáfora do pai, responde à questão do inconsciente estruturado como uma linguagem. O *sintoma* é uma mensagem cifrada, lida em termos de traços que se deixa traduzir, interpretar. O segundo, o *sinthoma* com “th”, sustentado na letra, na escrita do nó borromeano, surge com outra envoltura formal e faz mostraçãõ do real, ultrapassa os limites do significante e enuncia a *ex-sistência*, o *não cessa de não se escrever*, o real da estrutura; ele é da ordem da invenção, cuja função é, segundo Lacan, ilustrada por Joyce através de sua arte de escrever. Enquanto o *sintoma* no campo da linguagem é uma metáfora que contém uma mensagem vinda do Outro, da outra cena, do inconsciente, o *sinthoma* no campo do gozo é definido por Lacan como *a letter a litter* — letra-resto-lixo —, aquilo que não diz nada para ninguém, não é uma mensagem cifrada a qual pode ser

dissolvida graças à interpretação; o *sinthoma* é uma cifra de gozo que escreve o irreduzível da estrutura. Em quaisquer das articulações, seja no recurso à gramática ou à topologia, o *sintoma* traça um caminho na teorização e práxis lacaniana que reconhece um além, enquanto marca de um gozo não assimilável.

Em uma série de seminários proferidos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Uerj no curso avançado intitulado “O sujeito e a sexualidade na aurora do século XXI”, realizado em agosto de 2007, a psicanalista francesa Geneviève Morel afirma que o *sinthoma* é um conceito que subsume teoricamente o Nome-do-Pai:

“Essa teoria evidentemente altera nossa maneira de considerar as estruturas clínicas em psicanálise (neurose, psicose e perversão), uma vez que ela propõe uma nova abordagem da loucura. Isso não quer dizer que essas estruturas sejam inúteis nem que seja preciso substituir o ‘velho’ paradigma do Nome-do-Pai pelo ‘novo’ paradigma do *sinthoma*, porque essas estruturas valem sempre em relação às referências clássicas, Nome-do-Pai e falo, que permanecem preciosas em inúmeros casos; mas as contingências dessas referências impõem um estudo do caso que privilegia a singularidade dos sintomas e sua transformação em *sinthoma* sobre as classificações gerais. Se relativizarmos o valor absoluto desse quadro clássico de referência e os preconceitos que o acompanham, vemos aparecer um grande número de casos de exceção que se adequam bem mal a ele e implicam prestar uma atenção especial nos elementos contingentes que contribuem para o *sinthoma*, que podem ser sociais e não apenas familiares.” (MOREL, 2007)

Nosso propósito em tomar as elaborações feitas por Lacan sobre o *sinthoma*, no final de seu ensino, é o de salientar a reviravolta que essas elaborações imprimiram na transmissão da psicanálise. No seminário dedicado a Joyce, Lacan desenvolve, com a topologia dos nós, uma análise detalhada da função sintomática da escrita de Joyce. Isto o leva a formular a hipótese de que Joyce era psicótico, mas que sua psicose era compensada pela invenção de sua escrita. Para Lacan, a escrita de Joyce ilustra um tipo de suplência à carência da função paterna. Sua arte tem função equivalente ao quarto termo do nó borromeano, eleva-se à categoria de *sinthoma*, se equipara ao Nome-do-Pai; é a versão do pai (*père-version*) construída para sustentar-se com alguma eficácia no campo do Outro, do qual o sujeito poderá cair.

Com Joyce temos o nome como paradigma de uma particular invenção. Joyce descreve um sujeito que, em resposta às emendas mal feitas em seu ego, um ego mal costurado, produziu um texto, uma escrita particular, no lugar em que o inconsciente fracassa.

“É estranho que se possa também chamar desabonado do inconsciente alguém que joga estritamente apenas com a linguagem [...] pois a sua é justamente uma língua apagada do mapa [...] É isso que se constata no que faz de Joyce o sintoma, o sintoma puro do que concerne à relação com a linguagem, na medida em que ela é reduzida ao sintoma [...] O sintoma é puramente o que *lalíngua* condiciona, mas de certa maneira Joyce o eleva à potência da linguagem, sem torná-lo com isso analisável.” (LACAN, 1975-1976/2007, p.162)

É justamente com uma língua apagada do mapa, uma língua feita de enigmas elevados à potência de escrita, uma escrita que não é do significante, mas do real, que se constata no que faz de Joyce o *sinthoma*, o impossível de ser analisado.

Lacan apresenta o termo *alíngua* pela primeira vez em *O saber do psicanalista*, na sessão de 2 de dezembro de 1971. Ele reconhece que escolheu a palavra *lalangue* por sua proximidade com a palavra *lallation* (lalação), que designa o falar infantil. Pelo termo *alíngua*, Lacan designa o que dá suporte ao saber inconsciente. *Alíngua* é relacionada a um conjunto de fonemas próprios a uma língua, que pode ser delimitado na fala, e que é destituído de sentido. Nessa substância sonora é que se podem pensar as marcas fundadoras do desejo, a partir do desejo do Outro. O balbucio e a tagarelice do bebê já estão estruturados pela língua materna e pelas trocas que permitem, com o adulto, suas escansões, sua prosódia.

Em *O Seminário*, livro 20: *Mais ainda* (1972-1973/1985), Lacan diz: “*Alíngua* serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação... O inconsciente é efeito de *alíngua* que eu escrevo numa só palavra para designar *alíngua* materna” (p.188). Mais adiante, ainda diz: “O Um encarnado na *alíngua* é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo pensamento. É o de que se trata no que chamo de *significante-mestre*” (p.196).

Na “Conferência de Genebra sobre o sintoma” (1975), Lacan diz que a *alíngua* é a primeira marca do ser falante. Se a língua é a condição do inconsciente, a *alíngua* é a língua particular e única para cada ser falante. *Alíngua* é a língua do inconsciente de cada um.

Tomando a cadeia significante, podemos dizer que S1 ainda não é comunicação, nem sentido. São as lalações, é o balbucio, é *alíngua*, puro gozo que se articula com o objeto voz. Esse gozo se tornará sentido, articulado com outro significante, o S2, que desloca o gozo puro som para o sentido, momento em que o simbólico advém pela metáfora paterna.

Ao mudar a ortografia do termo *sintoma* para *sinthoma*, Lacan quis, provavelmente, sublinhar a diferença entre o *sintoma* com estrutura de metáfora, que vem suprir a metáfora paterna, que se oferece ao deciframento, e o *sinthoma*, que é da ordem da invenção a partir da irredutível *père-version* que compensa a carência da função do pai. Joyce cifra-decifra seu enigma através de sua escrita. Não se

trata de autobiografia, mas de um *sinthoma*. Tenta fazer história da relação faltosa do amor ao pai, do amor do pai. Ao querer fazer um nome, Joyce compensa a carência da função paterna e inscreve-se numa linhagem. Joyce inventa a partir de pedaços de real uma escrita que faz um nome e que sustenta o seu ego.

Para concluir, retomamos aqui a questão do início: a teoria lacaniana sobre o *sinthoma* descarta o diagnóstico diferencial estrutural imprimindo uma modificação na direção do tratamento analítico? Sob o nosso ponto de vista, a clínica do *sinthoma*, como propõe Lacan ao inserir a psicanálise no campo do gozo, permite um acréscimo à clínica das estruturas subjetivas ordenadas pelo complexo de Édipo, e não a exclusão desta. Trata-se de investigar não só a relação estrutural do sujeito e suas estratégias para lidar com o desejo e o gozo do Outro, mas também a maneira singular de o sujeito se inserir ou deixar de se inserir nos laços sociais.

Recebido em 13/4/2009. Aprovado em 18/11/2009.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. (s/d) “A atividade estruturalista”, in *Estruturalismo antologia de textos teóricos*, Portugal: Editora Martins Fontes.
- BIRMAN, J. (1991) “Entre o inconsciente e a pulsão”, in *Estrutura em Psicanálise*, Rio de Janeiro: Dumará Distribuidora de Publicações Ltda.
- COELHO, E. Prado (Org.) (1976) *Estruturalismo antologia de textos teóricos*, Portugal: Martins Fontes.
- . (1976) “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos”, in *Estruturalismo antologia de textos teóricos*. Portugal: Martins Fontes.
- DOSSE, F. (1992/2007) *História do Estruturalismo*, São Paulo: Edusc.
- DURKHEIM, E. (1895/1967) *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Le presses universitaires de France, 16 ed.
- FREUD, S. *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu.
- (1893-1895/2004) “Sobre la psicoterapia de la histeria”, v. II, p.293.
- (1909/2005) “A propósito de un caso de neurosis obsesiva”, v. X, p.124.
- (1933 [1932]/2004) “La descomposición de la personalidad psíquica”, v. XXII, p.54.

- LACAN, J. (1938/2002) *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1953/1998) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- (1957/1998) “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, p.508.
- (1958/1998) “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, p.613.
- (1959/1998) “À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo”, p.723.
- (1960/1998) “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960, p.815. (1953/2003) “Discurso de Roma”, in *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1966/2003) “Pequeno discurso no ORTF”, in *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1971-1972) *O saber do psicanalista*, inédito.
- . (1972-1973/1985) *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1973/1993) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1975/1988) “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, in *Intervenciones e textos*. Buenos Aires: Manantial.
- . (1975-1976/2007) *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MILLER, Jacques-Alain (1996) *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1998) “S”Truc Dure”, in *Matemas II*. Buenos Aires: Ediciones Manantial.
- MOREL, G. (2007) Curso avançado: “O sujeito e a sexualidade na aurora do século XXI”, realizado em agosto de 2007. Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Uerj.
- POUILLON, Jean. (s/d) “Uma tentativa de definição”, in *Estruturalismo antologia de textos teóricos*. Portugal: Editora Martins Fontes.
- SAUSSURE, F. (1916/2006) *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

Glória Sadala
gloriasadala@uva.br; mestradospsi@uva.br

Maria Helena Martinho
mhmartinho@yahoo.com.br